

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS
E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:
AVALIANDO POLÍTICAS E PRÁTICAS*

MÁRCIA LEITE**

Este livro estava fazendo falta nas recentes produções acadêmicas. Os discursos sobre globalização, desenvolvimento e tecnologia estão presentes no cotidiano das diferentes instituições, sejam escolas, universidades, centros de pesquisas ou mesmo nossos espaços domésticos. Reaparecem temas, silenciados anteriormente pelas perspectivas pedagógicas mais críticas, como o inexorável desenvolvimento da sociedade humana com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação. Voltamos a encontrar o discurso do imperativo tecnológico nos programas e ações oficiais, referendados por concepções “neotecnistas”, e se esboçamos alguma discussão, corremos o risco dos estereótipos “antigos”, “apocalípticos” ou “resistentes à mudança”. Este livro retrata a coragem daqueles que não se contentam em serem modernos nem com aparentes mudanças, mas que vivem a teoria e a prática de uma sociedade democrática e de uma escola mais feliz, entendendo as tecnologias como parte integrante e integrada nessas relações e intenções.

A apresentação do livro é um convite ao debate sobre a apropriação das tecnologias da informação e da comunicação nos contextos do ensino, o que se concretiza por meio dos textos, e das múltiplas aborda-

* Resenha do livro organizado por Raquel Goulart Barreto (Rio de Janeiro: Quartet, 2001).

** Mestranda na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e ex-diretora de Tecnologia Educacional da TVE/Fundação Roquette-Pinto. *E-mail*: mleites@ism.com.br

gens que constituem o trabalho. Os autores registram e organizam algumas discussões entre os conceitos e as práticas que vêm frequentando o GT de Educação e Comunicação da ANPED, nos últimos anos. Eles descrevem e analisam, com especial atenção, as políticas públicas traçadas pelo MEC, que enfatizam a EAD como uma de suas prioridades, buscando ultrapassar o lugar da pretensão e da prescrição e revisitando o papel da escola, dos professores e sua formação.

Os textos estão organizados em três temas, que interagem entre si e se colocam como interlocutores das conversas possíveis entre autores e leitores. *As políticas e as práticas* constituem o cenário da primeira parte, que analisa o lugar contraditório na e da formação de professores no Brasil de hoje, nas suas dimensões ideológicas, econômicas e político-pedagógicas. *Tecnologias e programas específicos* é a parte que analisa os programas traçados pelo SEED-MEC, o TV Escola e o PROINFO, focalizando sua concepção, gestão e implementação. Em *Processos educacionais, linguagens e sentidos*, os autores discutem as relações entre os discursos midiáticos e o pedagógico, as aproximações e distanciamentos entre educação e comunicação.

O primeiro texto, da professora e organizadora do livro, Raquel Goulart Barreto, analisa as propostas de formação de professores do MEC, com a inserção da EAD nas suas prioridades, atribuindo à tecnologia o lugar de sujeito: novas roupagens para velhos discursos tecnicistas e autoritários pacotes educacionais. Sintetizando as contradições na articulação TIC-EAD, a autora propõe questionamentos que farão parte da trama das outras discussões do livro, como por exemplo: para quem é o ensino à distância?

Se estamos vivendo um momento de transformações estruturais, Nelson de Luca Pretto sinaliza no seu texto que devemos colocar a EAD no seu devido lugar, entendendo suas limitações e possibilidades. A exigência de um projeto de educação para a inclusão passa pelo acesso à informação, ao conhecimento e à capacidade para processá-los, o que ultrapassa uma disponibilidade individual à rede, uma alfabetização digital desarticulada de outras alfabetizações.

Como enfrentar a questão de educar para as mídias, considerando nossa condição de país periférico, que importa um discurso tecnocrático e desconsidera uma perspectiva “sociopolítica dos usos”. É Maria Luiza Belloni que traz essa questão, propondo-se discutir algumas concepções que vinculam as inovações tecnológicas como um “constructo social”, como o “socioconstrutivismo” e as “redes técnico-econômicas”.

Vani Moreira Kenski termina a primeira parte, trazendo a sua experiência e confessando seu “objeto de desejo” ao propor a integração dos professores em uma nova ação docente mediada pelas tecnologias.

A professora Mirza Seabra Toschi analisa as políticas de formação docente a partir da lei 9.394/96, especialmente os projetos da TV Escola, o “Proformação” e o “Salto para o futuro”. Como a implementação dessas ações está distante de suas intenções e metas, esse aspecto é corroborado no texto seguinte, de Ligia Karam Corrêa de Magalhães, elaborado a partir de sua pesquisa de mestrado sobre o programa TV Escola, e que discute os aspectos legais e a gestão das políticas públicas educacionais e o ensino a distância. Concluindo a segunda parte do livro, o olhar respeitoso e crítico de Paulo Gileno Cysneiros sobre o Programa Nacional de Informática na Educação, o PROINFO. Sua participação no Programa e suas experiências anteriores nesta área enriquecem as avaliações e as proposições apresentadas. Se um dos méritos do PROINFO foi iniciar a criação de estruturas de suporte ao uso da informática nas redes estaduais de ensino, um dos grandes desafios será a sua manutenção.

Se vivemos cada vez mais dependentes das mídias para a construção de conhecimentos e valores, é necessário buscar outras articulações entre educação e comunicação para que o homem assegure seu lugar no meio ambiente. Esse é “O jogo dos sentidos compartilhados”, de Marcelo Macedo Correa e Castro, que inicia a terceira parte do livro e delinea um lugar para a escola na sociedade contemporânea. Na leitura do texto seguinte, de Glaucia Campos de Guimarães, podemos ampliar essa discussão. A autora faz algumas reflexões sobre a relação entre televisão e educação, analisa a produção de programas educativos e de que modo estes têm sido usados como material de ensino. Ela ainda discute o conceito de mediação e aponta algumas questões, considerando a educação “*para os e pelos*” meios. É em prosa e verso que a professora Raquel Goulart Barreto arremata os fios das múltiplas discussões propostas no livro, buscando os sentidos possíveis nas práticas de linguagem, especialmente, no discurso pedagógico. Os sujeitos e sentidos que se constituem nos discursos autoritários, “onde não há vagas”, e a possibilidade da incorporação das novas tecnologias em um discurso lúdico articulam informação e conhecimento. O desafio proposto é ultrapassar a suposição do sentido único, “correto”, presente nos materiais didáticos, dos livros ao CD-ROM.

Preparar uma resenha é sempre uma ação simplificadora, e é sempre mais uma leitura possível. Principalmente quando o sujeito praticante, quem se propôs a “executar o crime”, está envolvido de corpo

e alma com os autores e com as histórias. Assim, antecipo minhas desculpas pelo que não foi dito e busco redenção na intenção de despertar o interesse de outros leitores e outras discussões. Afinal de contas, este é o objetivo do próprio livro, não?